

setembro
outubro
71



O MINISTÉRIO adventista

Publicado em setembro e outubro de 1971. Edição mensal. Preço de venda: R\$ 1,00. Distribuição gratuita para assinantes. Endereço: Rua do Arco do Caramuru, 100 - São Paulo - SP. Telefone: (011) 3083-1111. Fax: (011) 3083-1111. E-mail: o_misterio@adventista.org.br

Nossa Juventude

Setembro é o mês da primavera, mas na Igreja Adventista é também o mês da juventude. Essa data se tornou tradicional na América do Sul para o batismo da primavera, o batismo da juventude. Foi tal o impacto que a Associação Geral o adotou como um plano para todo o mundo. Grandes vitórias foram alcançadas nos anos precedentes e sem dúvida alguma maiores ainda se alcançarão no futuro.

Recordamos uma declaração feita já há vários anos por um líder da juventude adventista: "Se ganhássemos e conservássemos todos os jovens e moças dos lares adventistas, a igreja obteria um benefício que superaria com juros o fruto que todos os esforços de evangelização combinados produzem na atualidade." — E. L. Minchin, Revista Adventista, novembro de 1957.

Estamos conquistando um verdadeiro exército de jovens para a igreja os quais constituem SUA força para o futuro. Mas também estamos perdendo muitos, arrastados pela maré da incredulidade e da indiferença. O mundo está demasiado complexo, a juventude de 1971 está demasiado inquieta e com excesso de protesto no coração. Isso transcende, embora em ínfima escala, nos círculos interiores da igreja. Vimo-lo já visitando igrejas e colégios através de toda a América do Sul.

É inegável que temos que fazer algo para poder manter uma juventude consagrada em um tempo como esse. E esse algo tem que ser extraordinário, fora do comum. Que será? Não o sabemos exatamente, ou pelo menos não o podemos expressar claramente aqui. Devemos começar por pensar séria e profundamente. Não ganharemos a juventude somente com sermões ou reprimendas; tampouco proibindo mini-saia, criticando, disciplinando cabeleiras, costeletas e calças manchadas. E o problema é mais profundo. Aquêles são simplesmente sintomas exteriores.

Estamos agora frente ao batismo da primavera,

o batismo da juventude. Está o desafio: ganha: os jovens para Cristo, e que se convertiam e defendam a verdade. Por outro lado está a realidade: é uma tarefa mais e mais complexa cada dia. Mas voltemos à base firme de nossa mensagem: "Jesus Cristo ontem e hoje é o mesmo, e o será para sempre." Hebreus 13:8. Sua mensagem satisfaz ou pode satisfazer a juventude de hoje tanto quanto pôde satisfazer a um jovem Daniel (um universitário do século VII AC) ou ao jovem Timóteo, Melancton, ou a tantos homens e mulheres jovens de todas as idades. Mas o que devemos talvez ter em conta é que a mesma verdade, os mesmos princípios, devem ser apresentados com roupagem um tanto diferente agora do que tinham no século I ou no século XIII. Não estaremos apresentando em 1971 a mensagem com o enfoque que foi apropriado em 1940 mas que não o é agora? Não deve ser uma nova verdade mas a mesma — o Evangelho eterno que satisfaz a todos, mas com um sabor adaptado às necessidades e inquietudes de hoje.

Como pregadores devemos analisar de vez em quando nossa pasta de sermões à luz desta realidade. Devemos revisar a programação que traçamos para as semanas de oração MV, os conselhos e idéias que damos à direção da sociedade de jovens, devemos investigar como marcham as classes de Escola Sabatina dos jovens. E tudo isso devemos fazer com dedicação, tendo em mente as necessidades e inquietudes da juventude. Estamos convencidos de que a maior necessidade da juventude atual é o conhecimento pessoal de Deus e de Cristo. Por isso os hippies têm ritos pseudo-religiosos para preencher o vazio espantoso que existe em seu coração. Vimos nos Estados Unidos há alguns meses um sacerdote de Satanás parado em uma esquina oferecendo publicações. Usava barba e cabelos longos, mas na frente de sua batina em vez de crucifixo tinha uma figura de Satanás bordada

MICHAEL STEVENSON

Secretário-Associado dos Jovens na Associação Geral

REAIVAMENTO

Incendeia os Colégios!



DOUG DRAKE PHOTO

TENHO tido o privilégio de assistir a muitos congressos e retiros bíblicos. A juventude que os assiste geralmente retorna aos seus colégios reavivada. Infelizmente, porém, até recentemente os reavivamentos têm tido vida curta. Seria a atmosfera dos colégios responsável pelo extinguir-se da flama dos reavivamentos? Sempre imagináramos que aqui precisamente seria o terreno propício para despertar espiritual. Infelizmente não é assim! “O entusiasmo nem sempre acompanha a escolaridade. O fervor religioso geralmente declina com o avanço da educação.”¹ Desta afirmação poderíamos concluir que o ambiente colégio dificilmente seria o melhor lugar para se tentar um reavivamento e reforma.

Tais pensamentos foram causticados em símbolos verbais na conclusão de um retiro rotineiro realizado em Camp Michiana próximo a Andrews University, em 10 de outubro de 1970. Eu estava por assim dizer “arando o terreno” em visitação em torno de um circuito de colégios, e estava chegando ao fim de uma longa e agradável fila de visitas que me pusera em contato com seis colégios. Eu ficara cada vez mais excitado com o que estava acontecendo.

Para mim era como se estivesse vivendo a primavera no outono! Sementes fielmente plantadas — por pais, pregadores ou professores — e que por longo tempo estiveram adormecidas sob o solo pedregoso, estavam súbitamente germinando. Estava havendo um reavivamento!

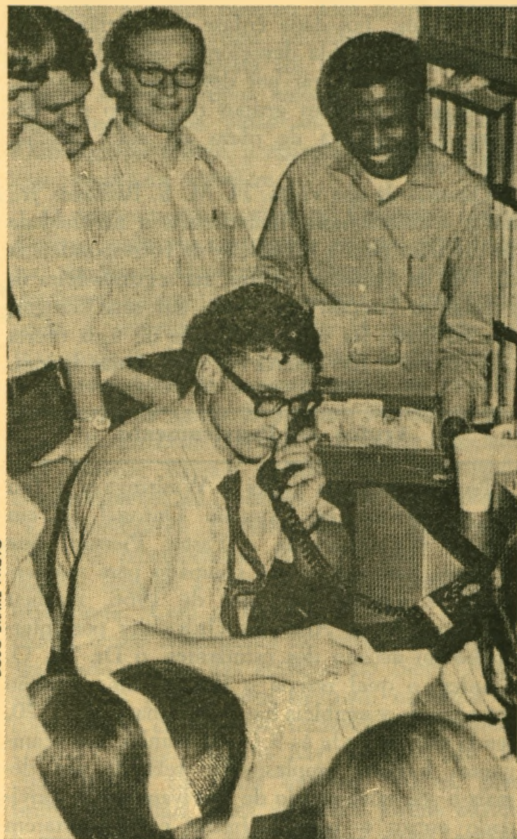
O tema para estudo neste retiro foi a oração. Os que voluntariamente ali se reuniram, uns noventa estudantes, a maioria formada por subgraduandos, fizeram apenas isto: oraram. Sob a experiente direção de E. L. Minchin, os pensamentos foram dirigidos para o cultivo da vida devocional. A acumulação de 46 anos de rico ministério entre a juventude adventista foi derramada em apresentações claras e diretas. Nenhuma tentativa foi feita para criar excitação.

Na sexta-feira à tarde, após um inspirador programa de hinos, eu compreendi que o sermão que eu havia preparado para apresentar não era apropriado, e imediatamente lembrei-me da instrução:

“Esforçai-vos por despertar homens e mulheres de sua insensibilidade espiritual. Dizei-lhes como encontrastes Jesus, e como tendes sido abençoados desde que vos pusestes ao Seu serviço. Contai-lhes a ventura que vos advém de sentar-vos aos pés de Jesus, aprendendo preciosas lições de Sua Palavra. Falai-lhes da alegria, do gozo que existe na vida cristã. Vossas palavras calorosas, cheias de fervor, hão de convencê-los de que encontrastes a pérola de grande preço. . . . Isto é trabalho missionário genuíno, e em êle sendo feito, muitos acordarão como de um sonho.”²

Coisas Começam a Acontecer

Eu vi estas palavras tornarem-se uma experiência nessa noite em seguida ao simples testemunho de minha conversão. Após referendarmos todos nossa entrega unindo-nos no cântico do hino “Eu Pertença a Cristo,” saímos para um acampamento junto aos morros frígidos da região. O Espírito de Deus havia tocado já muitas vidas nos períodos da manhã e da noite. Havendo recebido entrada, Êle agora fez forte impressão sobre todos nós. Logo os que se haviam acampado abriram-se em testemunho espontâneo. Uma constante nesses testemunhos foi: “Tenho sido adventista do sétimo dia toda a minha vida, mas não havia sido um cristão até agora. Desejo que Jesus ande comigo.” Confissões, reconhecimentos, submissões, enfim, toda espécie de testemunho foi



DOUG DRAKE PHOTO

apresentada, e todos os presentes sentiram-se tocados. Cerca de duas horas mais tarde de que o usual cada um se dirigiu para a sua tenda com cânticos de louvor.

O resto da semana foi passado por todos em profundo senso de espiritualidade, exame de consciência e estudo da Palavra com oração e demonstrações de companheirismo.

A Ceia do Senhor estava marcada para às 7:30 da manhã de domingo. O Pastor Minchin expôs a Palavra de Deus ao espiritualizado grupo reunido em torno de uma mesa esteticamente apelante. Um impressionante e solente silêncio acompanhou a cerimônia. De novo todos os presentes sentiram a influência do Espírito do Senhor. Foi dada oportunidade para expressões de louvor ao Deus perdoador. Muitos que não se haviam entregue a Jesus anteriormente fizeram-no agora, e este espiritualizado programa continuou até às dez da manhã, quando foi servida a refeição matinal. O resto do dia foi passado em considerações de como se poderia manter o espírito desta nova experiência ao retornarem os estudantes para os seus respecti-

vos colégios. Foi dada ênfase à importância de manter-se forte vida devocional, mediante o hábito de cada um orar por determinadas pessoas, encorajando também grupos de oração e a demonstração prática de obras de amor cristão. E deu resultado!

Quando de sua visita, H. M. S. Richards Jr., havia ocasionalmente mencionado a necessidade de dinheiro para a expedição de correspondência da Voz da Profecia. Assim, na segunda-feira os estudantes fizeram um apêlo aos seus amigos, e o resultado foi o levantamento de uma oferta que rendeu 2.100 dólares em cinco horas apenas.

Frutos do Reavivamento

No domingo eu voltei a Washington a fim de associar-me ao Concílio Outonal já em sessão. Na terça-feira o Pastor Pierson, que já havia feito um solene chamado para reavivamento e reforma nos idos de 1966, recebeu um chamado da Andrews University por intermédio do decano dos estudantes, o Dr. M. O. Manley, o qual referia o fato de uma reunião rotineira de assembléia haver terminado às 12:20, tendo sido iniciada às 9:00 da manhã. Os acampantes haviam simplesmente relatado aos demais o seu novo estado de reavivamento e convidado outros a irem à frente e manifestarem o seu desejo de igual reforma de vida por um reavivamento. Dizia-se que três quartas partes dos presentes vieram à frente. O reavivamento

continuava a dar frutos. Os estudantes convidaram seus pais para partilharem com eles dessas boas-novas e confessarem também os seus pecados.

Mais tarde, isto é, na terça-feira, dois novos estudantes insistiram em comunicar a amigos sua nova fé, isto nas proximidades de Battle Creek Academy, cujos estudantes estavam em acampamento em Camp Au Sable. Grande impressão foi produzida no grupo ao reconhecerem a tremenda mudança ocorrida nos dois jovens. Muitos aceitaram a Cristo novamente.

Entrentes grupos de oração surgiam aqui e ali no próprio *campus* da Andrews University. Na quinta-feira à noite eu retornei ao *campus*. No salão de recepção dos rapazes tive a oportunidade de surpreender um grupo em oração e pude ouvir ferventes testemunhos do vitorioso reavivamento de terça-feira. Um estudante declarou: "Vou pregar em minha igreja este sábado. Desejo ajudar na proporção em que sou culpado de haver levado outros ao extravio." E êle o fez. Houve um reavivamento. Sexta-feira à noite, no lar de um membro da faculdade os estudantes da *Berrien Springs Academy* ouviram as boas-novas. Ficaram atônitos; responderam aos apelos e o reavivamento expandiu-se!

Êsse sábado, o 17 de outubro, jamais será esquecido na Andrews University. No decorrer da semana centenas de estudantes reavivados e membros da faculdade haviam estado a pre-



GUY E EBELING, JR.

gar que êste reavivamento alcançaria a todos que ainda não haviam submetido sua vida em completa entrega a Cristo. O ar estava como que pesado ante a antecipação do que iria ocorrer quando eu me encaminhei para o púlpito, pois sabíamos que o Espírito do Senhor estivera operando poderosamente entre nós. Encerrei minha mensagem com um singelo apêlo a entrega, arrependimento e separação do mundo. O Pastor John Cronck e eu tínhamos esperado que umas quatrocentas pessoas atendessem ao apêlo, mas quase tôda a congregação se levantou



GUY E. EBELING, JR.

e veio para a frente. Que lição de fé! Eu sugeri que cada um se voltasse para o seu companheiro mais próximo e desse o seu testemunho em voz baixa, e então orasse. Como o som de poderosas águas as vozes ascenderam pelo espaço de uns quinze minutos! E concluímos nossa reunião cantando hinos de esperança.

Num sábado subsequente a faculdade foi especialmente convidada, e os seus membros responderam ao chamado para renovada dedicação, comprometendo-se pela graça de Deus a se entregar ao reavivamento e a reforma.

Uma Noite Inteira em Oração

Um recente relatório nos fala de uma reunião de oração de tôda uma noite, com nunca menos de trezentas pessoas em cada período. O presidente Hammill dirigiu o período de 2:00 a 3:00 da madrugada, seus colegas ocupando-se dos outros períodos. Houve então vitórias e milagres demasiado numerosos para serem mencionados.

Houve um desejo imediato de expandir o tes-

temunho a outros *campus*. Um grupo acompanhou-me numa visita ao *Oakwood College*. Uma singular resposta foi dada no sábado, e grupos e mais grupos vieram à frente a fim de entregar suas vidas ao amante Salvador. Outro grupo visitou o *Atlantic Union College*, com resultados idênticos.

O reavivamento ocorrido no *Columbia Union College* pode ser comparado ao que teve lugar na *Andrews University*. Dezoito jovens da *Andrews* vieram a um *campus* já preparado, onde a semente havia sido já semeada. A juventude da *Andrews University* havia recebido a oportunidade de assumir ambas as reuniões do sábado na igreja *Sligo*, mas somente depois que o Pastor Dale Hannah, e o Pastor associado Bill Haynor haviam pessoalmente investigado o reavivamento na *Andrews*. Eis o seu relatório: "É inacreditável! É maravilhoso!" Aquêles jovens até recentemente tão "por fora" no que dissesse respeito a Deus e à igreja invadiram a plataforma. Com a Palavra de Deus na mão deram o seu testemunho de louvor, muitas vezes lendo trechos das epístolas do Nôvo Testamento! Os participantes incluíam membros da comunidade, da *Takoma Academy*, do *Columbia Union College*. Alguns haviam feito sua decisão apenas na noite anterior. Agora, com brilho nos olhos, êsses vitoriosos jovens davam o seu testemunho aos membros desta grande igreja. Os testemunhos continuaram até às 2:30 da tarde, tanto sido transmitidos pela emissora do *Columbia Union* em FM. Um pregador de outra fé telefonou, dizendo: "Louvado seja Deus por êsse reavivamento!" Pessoas aposentadas também telefonaram desejando acrescentar o seu testemunho pessoal. Sábado à noite houve uma reunião de oração da noite tôda, que resultou em muitas conversões e muitos milagres da graça de Deus.

Está havendo uma continuada expansão dêste reavivamento e reforma. Grupos de estudantes da *Andrews* têm visitado colégios e igrejas dentro de um determinado perímetro. O mesmo acontece com os estudantes do *Columbia Union*. Em quase tôda parte tem tido início o reavivamento.

Êstes não são os únicos casos de reavivamento. A onisciência do Espírito Santo torna possível movimentos simultâneos de reavivamento, como ocorreu no *Union College* e no *Kingsway College* num mesmo fim de semana. Os reavivamentos ocorridos nos colégios no ano passado estão sendo eclipsados êste ano por um trabalho mais amplo e mais profundo, como

(Continua na pág. 22)

VERDADE DO SANTUÁRIO

— Doutrina-Chave Adventista

L. E. FROMM

Parte 2

IV. Descrição Inspirada do Templo

Trono, Altar e Arca

1. *Localização do Templo no Céu.* — A seguir, consideremos de perto a múltipla descrição feita pelo apóstolo João, no Apocalipse, do “templo,” do “trono,” e do “altar,” assim como da “arca do Seu concêrto” (Apoc. 11:19). Isto nos habilitará a ter uma visão de conjunto, quanto aos pormenores que impressionaram o inspirado Vidente, assim como de seu relacionamento mútuo, que o apóstolo foi levado a descrever, para nossa informação e compreensão. João é aqui nosso guia descritivo e interpretativo, por assim dizer “os olhos que vêem” e o “ouvido que ouve.” (Cap. 1:1.)

Antes de mais nada: O majestoso “templo” (*naos*), visto repetidamente por João em santa visão, é mencionado umas quinze vezes. É chamado não só “o templo” (sete vezes), mas também o “templo de Deus” (11:1 e 19), “o templo do meu Deus” (3:12), e “Seu templo” (7:15; 11:19). É dada sua localização, e designado expressamente como o “templo, que está no Céu” (14:17).

Mais explicitamente ainda, é êle definido como “o templo do tabernáculo do testemunho... no Céu” (15:5) — com sua variante simplificada, “templo do Céu” (16:17). O “altar” acha-se-lhe ligado inseparavelmente (11:1), assim como os “sete castiçais de ouro” (1:12). Não há que enganar-se quanto ao intento da

descrição e localização, do apóstolo, bem como da atualidade (para êle e para nós) do Templo, ou Tabernáculo celestial, com seus utensílios sagrados, que lhe foram mostrados em visão.

2. *O Trono de Deus, Centro de Tudo.* — Há também o “trono,” ao qual João se refere 39 vezes. É, naturalmente, o aspecto central e predominante do templo, e é constantemente apresentado a João, através de toda a série de suas visões. Não é apenas “um trono” (4:2) e “o trono” (29 vezes), mas é especificamente o “trono de Deus” (três vezes — cap. 7:15; 14:5; 22:1). É tanto o “Seu trono” [do Pai] — Caps. 3:21; 12:5) como “Meu trono” [de Cristo], conjuntamente (3:21; 7:17). Demais, João declara definitivamente que êsse trono está “no Céu” (4:2).

É Deus que está assentado sobre o Seu trono — é o que se afirma sete vezes (4:2 e 9; 5:7 e 11; 6:16; 19:4; 21:5). Êsse trono majestoso acha-se circundado de um arco-íris, ou “arco celeste” glorioso (4:3), e cercado de assistentes do Céu (4:4 e 6; 5:11) — inclusive uma inumerável multidão de anjos. “Lâmpadas de fogo” ardem diante dêle (4:5), e um mar de vidro estende-se-lhe diante. É cenário e fonte de momentosas diretivas soberanas — como quando João duas vezes ouviu uma “voz” autorizada, vinda do trono (16:17; 19:5). Assim, o Templo e o trono acham-se inseparavelmente associados (16:17) — e sempre no Céu. Há um sentido distinto e real, na declaração de João.

3. *Pôsto-Chave do "Altar."* — Quanto ao "altar," que também devia ser medido especificamente: É mencionado oito vèzes, e duas vèzes chamado "altar de ouro" (8:3; 9:13). Acha-se localizado "*diante do trono*" (8:3), e "*diante de Deus*" (9:13). E é de se notar que está também no *Templo* (11:1). E havia fogo no altar (8:5).

O anjo que deu o sinal de "ir" ao Filho do homem — assentado sôbre a grande "nuvem branca," e descrito como à espera de voltar à Terra — *veio do altar* (14:8). E soou pela segunda vez uma voz de ordem, *do altar*, acêrca da colheita das uvas da ira, para o lugar de Deus. Assim, acham-se intimamente associados o altar e o trono.

Eis aí algumas das inspiradas minúcias do Templo: seu trono e seu altar e a arca. Todos êstes estão localizados no Templo, no Céu. O Cordeiro é mencionado constantemente, em conjunto com o "trono," ou assentado ou em pé junto dêle. E a contínua adoração e serviço divino "*no Seu templo*" (7:15).

Volvamos agora a certos aspectos maiores — a grande sinopse.

V. Revelados Segredos Seculares

1. *Panorama Secular da Redenção.* — Procuremos localizar o aspecto apocalíptico da redenção. O vasto escopo do plano divino da redenção, que tudo abrange, foi apresentado em ligeiros traços ao apóstolo João, em visão inerrante — o inspirado desfile dos séculos. Mas abrangia muito mais do que os negócios da Terra, do tempo e do homem. Abrangia a Deus, a eternidade e o Céu, com miríades de legiões de anjos. Em uma visão após outra, as cenas das incessantes atividades do Céu, destinadas a restaurar o homem e destruir o pecado, foram, pela revelação, trazidas ao conhecimento de João.

Apresenta-se tóda uma série de visões, ligando a eternidade do passado ao eterno futuro de eternidade por vir — abrangendo êste período decisivo nosso, ao qual chamamos tempo. Conduzido para além das constrangedoras cenas da Terra, João vê as inefáveis atividades do Céu, e as íntimas atividades de fundo de cenário, da Divindade, para a completa restauração do homem. Vê êle as divinas fôrças da justiça arregimentadas contra os podêres do mal, em conflito sem tréguas, e a vitória final.

Nenhum profeta anterior recebera em tempo algum, explanação tão compreensiva — tais

informações até então secretas, só conhecidas de Deus. Isto era agora revelado ao homem. Focalizava-se especialmente nos acontecimentos da Era Cristã — até ao final do tempo, o alvorecer da eternidade. Constitui o ponto culminante da revelação divina, e remata o Cânon Sagrado.

2. *Centro Palpitante de Vasto Empreendimento.* — A João foi mostrado o centro íntimo, o palpitante coração do vasto empreendimento — o próprio trono de Deus, na parte mais interior do Templo da Atividade Redentora, com os móveis angélicos e sua inumerável hoste de assistentes angélicos.

Era uma cena inspiradora de reverência, pois é ali o universal Centro Estratégico de Comando — pôsto em operação especial, a fim de tratar com a tragédia do pecado e rebelião, que se insinuara no universo, localizando-se neste planêta com seus habitantes humanos. E devem continuar suas operações estratégicas, até que esteja resolvido o problema do pecado e removidos de vez os originadores e perpetradores do pecado — iniciando-se um universo puro, estabelecidos os remidos da Terra, para sempre, na predita Nova Terra.

2. *Centro de Comando e Trono Divino.* — O majestoso movimento passou vívidamente ante os olhos atônitos do apóstolo. Foi levado de uma cena a outra, contemplando primeiro um aspecto, depois outro. Ordenou-se então a João que registasse tudo, para que também nós, especialmente hoje, pudéssemos ver pelos seus olhos, e ser assim iluminados e guiados. Mas foi o majestoso *Centro de Comando*, com seu trono divino, bem no coração do Templo de Deus, no Céu, que mais impressionou a João. Repetidamente referiu-se a êle.

Cêrca de duas dezenas de vèzes, nos vinte e dois capítulos, é êle constrangido a mencionar e descrever êsse augusto trono central, e comentar seu poder e característicos, e assombrosas realizações. Nesse trono imergem e dêle emergem os acontecimentos do tempo e da eternidade, como lugar de decisão e fonte de tóda a ação que êle é. E Aquêle que criou tódas as coisas, e dirige o universo, é O que nêle está assentado — Êle e o Cordeiro divino. Tódas as decisões são por Êle determinadas, e executadas por Sua direção. E êsse trono, acentua João, localiza-se no íntimo do coração do transcendente Templo do Céu. Essa repetida ênfase, pelo apóstolo eleito, é significativa e proposital.

Repetidamente sente-se João constrangido a

fazer observações sôbre esse Templo de Deus — seus característicos e seus móveis, e sobretudo suas caracteridentes atividades. O assunto fascina-o. Ali se acha envolto o destino de todos os homens. Nos seus limites tudo se determina. Cobre a vasta expansão dos séculos. É o centro de avassalador poder, justiça e justificação.

3. *Desenrolar do Panorama, para Nossa Orientação.* — Sigamos, a passos rápidos, os pontos altos do desdobramento do panorama revelado a João, e busquemos ver, através de seus olhos tocados pelo Espírito, os segredos de Deus aqui revelados para guia de Seus seguidores terrestres, a fim de que sintamos a operação e as providências de Deus no infinito Plano da Redenção, que agora se apressa para as cenas finais.

É fundamental compreendermos o grande esboço apresentado, a fim de têmos certeza e convicção. Únicamente desta maneira poderemos saber exatamente onde estamos, no secular plano e propósito divino, e sua progressão e cronometrização, assim como todo o desdobrar das soberanas decisões e diretivas que procedem do recinto do trono de Deus, localizado no Templo divino, lá no Céu — conforme foi revelado a João. Notemos o majestoso transcorrer da seqüência revelada.

VI. Recinto do Trono no Templo — Centro de Comando do Universo

1. *Fonte de Poder Ilimitado.* — Assim, o recinto do trono no Templo é o íntimo *sanctum*, de ilimitado poder e desígnio, amor e ação. Tôda atividade redentora em favor do homem centra-se nesse trono inefável, e dêle emana — é o trono do Pai, assim como de Cristo, conjuntamente (3:21). Ponderemos nisto.

Olhando através de uma “porta aberta” (4:1), o apóstolo João em visão viu que esse trono estava “no Céu.” Circundava-o um fascinante arco-íris. Rodeava-o um vasto mar de vidro. Assistentes especiais achavam-se perto de Deus — vinte e quatro (v. 5), com outros deputados de difícil descrição (vv. 6-11). João observou intensa atividade e ouviu “vozes.” E cânticos de louvor a Deus, pelo Seu poder e amor. A cena desafiava qualquer expressão humana.

2. *Inumeráveis Assistentes Ajudam Ativamente.* — João viu Jesus Cristo, o “Cordeiro” de Deus, que fôra morto (5:6), e notou a especial atividade do Cordeiro. Iam ser descerados os segredos do Céu. Mas primeiro ouviu atribuições de louvor ao Cordeiro (vv. 8-14), e viu a operação do multiforme Espírito de

Deus. Alguns dos remidos ali estavam. Viu uma vasta afluência de anjos ministradores — miríades de miríades, e “milhares de milhares” (v. 11) — nesse majestoso Templo. Sua vastidão era de inspirar respeitosa reverência. Mas ali estava. (Comp. com Dan. 7:10; Heb. 12:22.)

O inefável trono é o centro de tudo; o Cordeiro, a figura central em tôdas as atividades. João viu também um “altar” ali perto (6:9), justamente como vira anteriormente os “sete castiçais de ouro” (1:12), com o Filho do homem relacionado com êles (v. 13). E ouviu vozes relativas à retribuição devida aos mártires, assim como notou o temor da retribuição por parte dos que os haviam matado (vv. 16 e 17).

3. *Localizados o Trono e o Templo.* — João ficou impressionado com a inumerável “multidão” dos remidos, perante o “trono” e o Cordeiro (7:9). E anjos rodeavam o trono (v. 11), servindo a Deus e, note-se bem, no “Seu templo” (v. 15), estando Ele assentado no Seu trono com o Cordeiro “no meio do trono” (v. 17). Isto localiza incontrovertivelmente o trono como estando no Templo de Deus.

Do templo “no Céu” (8:1), o profeta vê desenrolarem-se operações especiais: uma série de juízos por desabar-se sôbre a Terra. De nôvo João vê o “altar” ali perto (vv. 3 e 5), desta vez chamado “altar de ouro,” localizado “diante do trono” (v. 3). Ouviu então uma “grande voz” que provinha do “altar de ouro, que se encontra na presença de Deus” (9:13). Êste é o relacionamento geral e o cenário específico.

4. *Movimentos Terrestres Dirigidos no Céu.* — Viu João então que os juízos divinos que deviam cair sôbre a Terra eram dirigidos “de altar de ouro, que se encontra na presença de Deus” (vv. 13 e 14). Eram expedidas ordens e atribuído poder (v. 5), assim como eram estabelecidas restrições. Isso tudo faz parte de movimentos terrestres, comandados do Céu.

Há uma ligação de “linha direta” entre o Céu e Terra, e emissários angélicos (10:1), e vozes autorizadas (vv. 2, 4 e 7). Há preparativos para acontecimentos tremendos na Terra, decretados do Templo no Céu. O tempo está a expirar (v. 6). Intensificam-se e apressam-se os movimentos na Terra.

Há, pois, relação inseparável entre as diretivas do trono e as tremendas atividades na Terra. Êsses desdobramentos se aceleram à medida que se aproxima o fim da era — desdobramentos especificamente dirigidos do trono do Templo.

5. *A Arca do Templo Celestial.* — João passa agora a ter parte ativa no cenário: é-lhe

ordenado levantar-se, e medir "o templo de Deus, e o altar" (11:1). Foi instruído quanto ao seu sentido. Fêz-se distinção entre o Templo Celestial e o átrio terrestre (v. 2). João foi então conduzido ao longo da corrente do tempo até aos últimos dias da Terra, quando as "nações" da Terra haviam de estar "iradas," porque viera o tempo da "ira de Deus" (v. 18).

João teve de novo chamada a atenção para o "templo de Deus," aberto à vista, e que está "no Céu." Não há possibilidade de engano quanto a sua localização. Viu então "a arca do Seu concerto," "no Seu templo" (v. 19). Tanto o ambiente como a intensão eram muito familiares para João, visto como os tipos terrestres eram muito conhecidos a todos os judeus, remontando ao tabernáculo mosaico dos tempos idos, e que tipificavam e refletiam a grande Realidade Celestial que agora êle observava.

6. "Guerra" Contra a Igreja da Terra. — Então, em nova visão, revelou-se a histórica e assombrosa peleja "no Céu," na eternidade do passado: a inflamada revolta de Satanás contra Cristo, e a defecção da "têrça parte" dos anjos (12:4). Então o diabo e seus seguidores foram vencidos e expulsos, "precipitados na Terra" (vv. 7-10), como seu *rende-vous* para promoverem a desordem entre os homens. A seguir foi apresentada a João a longa e cruel guerra contra a Igreja Cristã, dentro dos 1.260 anos-dias do período papal (v. 6).

Êle ê encaminhado ao "resto" do tempo e sua Igreja Remanescente. Observa as duplas características desta, isto é, "guardam os mandamentos de Deus" e têm o "testemunho de Jesus" (v. 17).

Recordam-se outra vez os conflitos seculares. Cruzam o cenário os principais atôres e fatôres. Há conluio entre Igreja e Estado (cap. 13). São vitoriosos o Cordeiro e Seus seguidores (14:1-4), declarados êstes "irrepreensíveis diante do trono de Deus" (v. 5), em virtude do provimento da redenção, por parte do Cordeiro.

7. Mensagem Triplíce, Antes do Segundo Advento. — Vem então a triplíce mensagem de Deus à Terra, mensagem dos últimos dias aos homens (cap. 14): A da Hora do Juízo, da Queda de Babilônia, e do Sinal da Bêsta. Começa a sua proclamação no princípio do século dezenove. Resulta daí o fiel remanescente que "guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus" (v. 12). A seguir vem o glorioso Segundo Advento, no grande "tempo da ceifa," no fim do mundo.

Prestes a voltar o Filho de Deus, na grande

"nuvem branca" (v. 14), João ouve a grande voz, do anjo que "saiu do templo" do Céu (v. 15). Segue-se um segundo clamor "com grande voz," proveniente do mesmo "altar," do mesmo Templo, mandando que os "cachos da vinha" sejam colhidos, para o "lagar da ira de Deus" (vv. 18 e 19). Estas cenas assinalam o fim da era.

8. As Sete Últimas Pragas Ordenadas do Templo. — De novo João ergue os olhos. Vê outra vez, "no Céu," aquêle vasto "mar de vidro" junto do trono (15:2). Vê os "juízos" de Deus prestes a serem derramados (v. 4). Novamente em visão, João é instruído a olhar. Vê que "o templo do tabernáculo do testemunho se abriu no Céu" (v. 5). Presencia tremendas atividades. Sete anjos saem do "templo" (mencionado três vêzes nos vv. 6-8), para derramar sôbre a Terra as sete salvas de punição, "cheias da ira de Deus" (V. 7).

João ouve mais uma ordem, em forma de "uma grande voz," "vinda do templo" (16:1), ordenando-lhes que derramem suas salvas de "juízo", em mortífera seqüência. As sete pragas, uma após a outra, caem sôbre os homens. Uma vingadora voz angélica, procedente do "altar" do templo celestial, clama: "Verdadeiros e justos são os Teus juízos" (v. 7). Êstes culminam com a última e grande confederação triplíce, e o conflito de Armagedom na Terra (vv. 13-16).

Derramada a taça pelo sétimo anjo, João de novo ouve uma "grande voz do templo do Céu, do trono, dizendo: Está feito" (v. 17). Essa voz, igualmente, procede do Centro de Comando da atividade redentora e judicial. Assinala o dramático remate da retribuição final. Está para sempre terminada a atividade redentora.

9. Último Apêlo do Céu. — Voltando a alguns pormenores, são reveladas a João as profundezas da apostasia eclesiástica, auxiliada e favorecida pelas nações (cap. 17), e que acarretou todo êsse terror durante a Era Cristã. Mas Deus aqui estende a mão soberana e manda um resplandecente anjo descer do trono e do Templo do Céu, e iluminar a Terra com a sua glória (18:1).

Em meio ao anúncio da final e completa queda de Babilônia, João ouve outra coisa — desta vez uma terna "voz do Céu," ordenando: "Sai dela, povo Meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas" (v. 4). Isto mostra a terna

(Continua na pág. 17)

[A carta abaixo foi remetida aos escritórios da Associação Geral, tendo sido então encaminhada à Associação Ministerial. A preocupação que ela expressa é dessas que entendemos dever ser partilhadas por toda a ministério da igreja. Embora não escrita com o objetivo de publicação, é impressa com a esperança de que conduza, os líderes espirituais da igreja, a mais acurada exame da realidade de nossa relação pessoal com Jesus Cristo. — REDAÇÃO.]

A QUEM INTERESSAR POSSA (E ESPERO QUE A CADA PESSOA):

Como estou com vinte e três anos, creio que me encontro bem no meio de uma geração turbulenta. Não deixei a igreja adventista do sétimo dia e sei que estou falando em nome de muitos "fiéis" jovens adventistas do sétimo dia tais como eu quando digo que temos uma necessidade — uma grande vasta, profunda necessidade que não está sendo satisfeita.

Por favor, queiram levar-me a sério, pois sei de que estou falando. Jovens estão deixando a igreja, enquanto outros jovens não querem sequer considerar a possibilidade de virem para a igreja, porque nada vêem aqui que satisfaça as suas necessidades.

Em reunião de campo o Pastor Pierson disse: "A maior necessidade do mundo hoje é Cristo." A maior necessidade de nosso povo, minha maior necessidade e a de meus amigos adventistas do sétimo dia é Cristo. Necessitamos conhecê-Lo, queremos conhecê-Lo — mas não O conhecemos.

Como podemos sair a partilhar com outros nossa fé n'Ele quando não temos fé? E como podemos evangelizar o mundo e espalhar a glória de Cristo quando nada temos para dizer, pois não conhecemos o Homem?

Não precisamos de mais sermões sobre como devemos falar a outros a respeito d'Ele. O que necessitamos é que alauém nos fale a nós a respeito de Deus. Alguém que O conheça como Moisés O conhecia. Alguém que seja amigo dos amigos de Deus, que tenha falado com Ele como Abraão falou, como falou Elias, como Davi, Pedro, João e muitos outros falaram e, sim, como a Sra. White com Ele falou.

Necessitamos que a água da vida seja derramada em nossas almas ressequidas. Nós sabemos que o sétimo dia é o verdadeiro sábado. Conhecemos nossa obrigatoriedade quanto ao dízimo. Sabemos que carne, cigarros, bebidas alcoólicas e drogas não nos fazem bem. Sabemos um monte de coisas, mas não conhecemos a Cristo ou a Deus.

Se tivéssemos uma viva associação com Cristo (quer como igreja quer como indivíduos), o mundo reconheceria sua própria falta, pois esta seria demasiado óbvia para não ser reconhecida. Então os sinceros do mundo viriam perguntar a respeito d'Ele e nós teríamos alguma coisa para dizer.

A mensagem de Cristo — Sua vida — foi uma revelação do caráter de Deus. Pela leitura da Bíblia e de outras obras inspiradas podemos alcançar uma visão mais clara de Deus e começar a conhecê-Lo, mas ansiamos por ouvir nossos líderes falarem de seu conhecimento íntimo, pessoal, com Ele, provendo-nos em primeira mão o conhecimento do Deus a quem servem.

Diariamente jovens adventistas do sétimo dia, cansados de investir, rejeitam a igreja — não para procurar outra, pois sabem que não encontram, ninguém até hoje encontrou. Saem desiludidos, amargurados, famintos, sem esperança. Não conhecem a Deus, nunca Lhe foram apresentados. E a menos que Deus realize um pequeno milagre, eles jamais O conhecerão, porque o povo que Lho devia revelar falhou em sua responsabilidade.

À luz do que ensinaiis sabemos que é definitivamente importante ler, estudar e orar. Através dêstes condutos aprendemos a conhecer a Deus. Mas, oh, que diferença entre a teoria e a realidade! Que inspiração é quando encontramos alguém que conhece a Deus mediante um relacionamento vivo, dinâmico, pessoal com Ele, alguém que nos pode falar a Seu respeito, como Ele é, a quem Se assemelha!

Deus poderia usar sômente o estudo da Bíblia e a oração para nos familiarizar consigo, mas viu a necessidade de usar sêres humanos também; primeiro uma nação, depois uma igreja.

A Sra. White diz que Deus não está agora operando para levar muitas almas à igreja. Seria porque deseja que nos familiarizemos com Ele primeiro? Poderia ser que Ele não esteja operando porque nossa própria juventude está faminta de conhecimento a Seu respeito, buscando um exemplo vivo de Sua pessoa, deve o trabalho de evangelismo começar com essa juventude aqui mesmo, conosco, comigo?

Não estou escrevendo em nome de radicais, de ramificações ou de extraviados. Meus amigos e eu somos juventude "fiel." Somos os que vêm à igreja semana após semana. Falamos do trabalho das missões e apresentamos música especial. Saímos para a Recolta e lideramos os juvenis Desbravadores. Muitos de nós somos exaltados por nossos ministros como a geração que concluirá a grande obra.

Contudo, temos estado procurando algo desde o ginásio, passando pelo colégio, pela vida matrimonial, e ainda temos fome e sede. Estudamos, oramos, freqüentamos a igreja e procuramos viver à altura de suas normas, e temos fome!

Estamos cansados de que nos digam que saíamos e preguemos o evangelho e revelemos a glória de Cristo! Quando aceitamos êste desafio e saímos, nada temos para dizer.

Que é para mim hoje, em 1970, o relacionamento com Deus? Que é êsse relacionamento para você? Você O conhece bem? Sabe quem Ele é? Que lhe parece Ele realmente?

Por favor, preguem-nos e nos ensinem sôbre o caráter de Deus. Mostrem-na-Lo, falem-nos d'Ele, apontem-nO a nós. Somos criancinhas espirituais, necessitando de ajuda. Mostrem-nos algo de sua experiência pessoal. Estamos esperando — ansiosamente esperando! Se pudéssemos ser conduzidos como Cristo conduziu os discípulos, como Paulo conduziu a Timóteo, se tão-sômente pudéssemos ter um vislumbre de Cristo — não tenham dúvida, essa visão seria tomada tão depressa por nossa geração que faria a cabeça de vós outros girar em vertigem.

Como podemos ficar a espera de que Cristo venha para nos salvar quando a maioria dos jovens (pelo menos juvenis que conheci e outros que conheço) poderia não reconhecê-Lo se Ele viesse?

Sei que me alonguei nesta carta, mas a situação está ficando desesperadora. Nossas almas estão perecendo. Necessitamos mais do que tudo, **conhecer a Deus. Necessitamos de Cristo.** Pode você — podeis vós outros — mostrá-Lo a nós?

Sinceramente, sua filha em Cristo,

Ass. Apenas uma dentre muitas

À PROCURA DE FONTES INSUSPEITAS

LUÍS WALDVOGEL

JOÃO SILVA foi assistir à conferência do pastor, ontem à noite. (Aliás, faça-se justiça a João Silva: ele não falta a reunião alguma, aos sábados, aos domingos, e mesmo às quartas-feiras. E, cá que ninguém nos ouça: Escandaliza-se mesmo com a pouca freqüência das reuniões de quarta-feira.) Como íamos dizendo, João Silva foi à conferência — e ficou muito contente ao ver o salão apinhado de ouvintes atentos. Também, não era para menos, pois o assunto era de transcendente interesse: a mudança do dia de repouso, do sábado para o domingo. E o orador estava inspirado. Manuseava bem o vernáculo, era fluente, falava com sinceridade e convicção.

A certa altura, porém, o vizinho de João Silva, por êste convidado à reunião, cochichou-lhe ao ouvido:

— Quem são êsses homens que êle citou: Keenan, Geiermann, Summerbell, Hiscox, Gibbons, Binney, Fowler, Seymour e outros, cada qual de nome mais arrezado?!

— São grandes autoridades no mundo religioso, respondeu João Silva.

— Ê?!... nunca vi mais gordos! Existiram mesmo êsses personagens? Não será fantasia inventiva do conferencista?

— Não, não! disse João Silva, monossilâbicamente, não querendo prolongar o cochicho, pois poderia causar espécie ao orador.

Ao chegar em casa João Silva soliloquiou: “Por

que será que nossos pregadores se servem de tantas fontes estrangeiras, quando temos muitas dentre nomes conhecidos nossos? Vá lá que citem algumas delas, para variar... Mas, todos nomes alienígenas, ainda às vêzes mal pronunciados... Se pelo menos houvesse algum latino... Espere um pouco! Sei o que vou fazer: mandarei ao meu querido pastor um punhado de fontes mais conhecidas, e mesmo algumas de nosso meio, com êste sabor gostoso de brasilidade...”

João Silva não é um prodígio de erudição nem depósito ambulante de citações e conhecimentos catalogados. Foi, porém, ver o que tinha em seu arquivo, esperançoso de que, com êsse estímulo, o pastor procurasse ainda outras fontes, em sua própria biblioteca, na biblioteca pública, entre os livros de seus amigos etc. Deu-se ao trabalho de copiar com letra bem legível o que tinha, colocou-o num envelope e pô-lo no correio, juntamente com uma cartinha em que dizia que supunha ter o pastor interesse no que ia ler, e por isso resolvera fazer essa pequenina contribuição ao seu fecundo ministério. Que lhe desculpassem a ousadia — fruto apenas do desejo de cooperação franca e sincera.

Eis as citações que mandou:

“Se devemos repelir a *Tradição*, e aceitar somente o que está na Bíblia, como dizem os protestantes, por que aceitam êles a santificação do domingo, o batismo das crianças, e outras

práticas que não constam da Escritura Sagrada?" — D. Duarte Leopoldo e Silva, *Concordância dos Santos Evangelhos*, pág. 146.

"O sábado precedeu até a lei de Moisés; é tão antigo como o mundo, foi estabelecido pelo próprio Deus lá no princípio; ora, só Deus pode desfazer o que estabeleceu; só Deus é senhor do sábado e atribuir-se êsse título é atribuir-se a própria natureza divina." — Padre Dehaut, *O Evangelho Explicado, Defendido, Meditado*, Vol. 2, pág. 188.

"Ora, a instituição do domingo como dia de guarda, além da praxe longa, constante e ininterrupta do sábado como dia de repouso, teve contra si a própria lei mosaica, que estabeleceu o sábado. Leve-se em conta que, sobre insurgir-se contra a lei do sábado e a prática dêsse dia como dia de descanso, o domingo não logrou o favor de um preceito de Jesus, instituindo-o, o que lhe valeria, com certeza, a adesão pelo menos, da parte daqueles que fôsem jurando a bandeira do Mestre. E, como é sabido, até o momento do Seu retôrno ao seio do Pai, êsse mandamento ainda não havia sido proferido. . . . Antes de nada, diga-se com tôda a franqueza, que não há nenhum mandamento expresso no Nôvo Testamento, impondo a guarda do domingo." — Rev. A. Teixeira Gueiros, *A Questão do Sábado ou o Dia de Descanso para Hoje*, págs. 27 e 24. (O autor é ministro evangélico.)

"Nós, católicos, romanos, guardamos o domingo, em lembrança da ressurreição de Cristo, e por ordem do chefe da nossa igreja, que preceituou tal ordem do sábado ser do Antigo Testamento, e não obrigar mais no Nôvo Testamento." — Pe. Júlio Maria, *Ataques Protestantes*, pág. 81.

No livro *Perguntas e Respostas* diz o Cônego Araújo:

"*Pergunta:* Que dia da semana a Bíblia manda santificar?"

"*Resposta:* O sábado. Eis as passagens da Bíblia: (O autor cita a seguir Êxo. 20:8-11; 31:14 e 15; Deut. 5:12-14.)

"*Pergunta:* Mas a Bíblia manda observar o domingo em vez do sábado?"

"*Resposta:* Não.

"*Pergunta:* Quem mudou o dia do Senhor de sábado para domingo?"

"*Resposta:* A Igreja Católica.

"*Pergunta:* Mas os protestantes observam o descanso do domingo.

"*Resposta:* Então neste ponto seguem a tradição católica." — Cônego Hugo Bressane de Araújo, obra citada, págs. 22 e 23.

"O Decálogo preceitua a guardar os sábados e não os domingos. É a igreja. . . que transmudou os dias." — Pe. Etienne Ignace Brasil, *O Culto das Imagens*, pág. 45.

"A observância do domingo. . . não só não tem fundamento na Bíblia, mas está em contradição flagrante com a letra da Bíblia, que prescreve o descanso do sábado. Foi a Igreja Católica que por autoridade de Jesus Cristo transferiu êsse descanso para o domingo, em memória da ressurreição de nosso Senhor." — *Monitor Paroquial*, Socorro, Estado de São Paulo, 26-8-1926.

"A observância do dia do domingo sucedeu, na lei nova, à do sábado, não em virtude de um preceito de lei; mas, pela constituição da Igreja e pelo costume do povo cristão." — S. Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, Vol. XV, pág. 580. (Tomás de Aquino é considerado "o maior teólogo da Igreja do Ocidente," e sua *Suma Teológica* tida como "a expressão mais perfeita da ortodoxia católica.")

"A Bíblia manda santificar o sábado, não o domingo. Jesus e os apóstolos guardaram o sábado. Foi a tradição católica que, honrando a ressurreição do Redentor, ocorrida no domingo, aboliu a observância do sábado." — Pe. Dubois, *Barnabita, O Biblismo*, pág. 106. Edição do Santuário de N. S. de Nazaré, Belém do Pará.

"Na antiga lei de Moisés era prescrita a santificação do sábado. Sábado é na verdade o sétimo dia da semana. Neste dia era até proibido andar mais de um determinado número de passos; não se podia fazer comida; só se podia tomar a comida preparada no dia anterior, na sexta-feira; os fariseus nem toleravam que Jesus operasse milagres em dia de sábado. Mas tudo isso pertence a um cerimonial do antigo testamento, que foi revogado por Jesus; e os sabbatistas de hoje são os primeiros a não observar tôdas as prescrições do sábado. A Igreja herdou a autoridade de determinar os tempos e os modos de honrar a Deus, e a Igreja, quer para demonstrar que a antiga lei cerimonial não tem mais vigor, quer para solenizar a Ressurreição de Jesus, determinou que o dia consagrado a Deus fôsse aquêle em que Jesus ressuscitou (e foi exatamente o dia imediatamente seguinte ao sábado) e chamou êste dia: *dies dominica*, dia do Senhor, domingo, julgando muito bem oferecer a Deus o primeiro dia, em vez do último, assim como cada um julga conveniente oferecer a Deus as primeiras flôres, os primeiros frutos, os primeiros instantes do dia, os primeiros anos da vida, e não os últimos." — *A Imprensa*, 30 de março de 1950 (S. Paulo, Rua Major Maragliano, 287).

Crise do Cristianismo

HÁ crise em todos os níveis. Há crise na política porque os homens se odeiam. Há crise na educação por falta da verdadeira sabedoria. Há crise na economia porque se desperdiçaram os pedaços. Há crise no lar porque não existe idoneidade. Há crise no cristianismo porque o cristão não está em completa harmonia com Deus.

A crise do cristianismo não é causada pela cruel perseguição da Idade Média, visto que esta é agora diplomática e dissimulada; nem pelas feras famintas dos coliseus romanos, pois agora estão domadas. Não é pelo ateísmo materialista, porque quando negam o cristianismo o engrandecem.

O cristianismo está em crise hoje porque não é praticado como deveria ser. E essa crise não somente se revela na juventude moderna ou no membro leigo, também podemos vê-la nas filas do ministério.

Em São Mateus 7:21, Jesus estabelece claramente a diferença entre o cristianismo falso e o verdadeiro, desmascara o que é aparência e o que é genuíno. Aqui o Mestre coloca o pseudodiscípulo. Jesus diz que a crise do cristianismo está dentro da igreja, quando esta tem amizade com o mundo. A Bíblia diz que há crise no Ministério quando este não é um verdadeiro exemplo para a igreja.

Fica entendido que o cristianismo em crise pode ser muito ativo. Lê diariamente a Bíblia, ouve excelentes mensagens, participa em planos

evangelísticos, canta com impecável elegância, pratica uma deslumbrante liturgia. Mas não tem uma experiência vital com Cristo.

Crise no Cristianismo

S. Marcos 3:13 e 14. A crise espiritual do discipulado tem sua raiz na resposta ao chamado, tomando em conta que o critério humano difere do critério divino.

Nós chamamos técnicos em teologia, mas Jesus chamou peritos pescadores. Nós chamamos homens de formação universitária, mas o Mestre chamou o ignorante Pedro. Nós chamamos jovens graduados, mas o Salvador chamou um homem trovão.

I Samuel 16:6. Samuel simpatizou muito com o jovem Eliabe e ainda se atreveu a chamá-lo Ungido de Deus. Mas o Senhor chamou a Davi considerando o coração e não a aparência. É que o verdadeiro chamado consiste em uma cativante atração humana para com a pessoa de Jesus Cristo, a tal ponto que se fica permanentemente com Ele.

O pseudodiscípulo ama a obra. O verdadeiro discípulo ama seu Senhor. Três valentes trouxeram água para Davi não porque gostavam do trabalho mas porque amavam seu senhor (I Crôn. 11:17-19).

O pseudodiscípulo pretende aprender, mas não vive o que aprendeu. Os livros de estudo são uma bênção; o método e a pesquisa produzem

convicção. Mas é aos pés de Jesus onde o ensino modela as pessoas.

O pseudodiscípulo é um buscador de fama. Reclama promoções. Quer ser conhecido como grande pregador e mestre da Bíblia. Denomina-se cientista organizador. Quer um título.

Jesus usou qualificativos apropriados para os discípulos que colocam o cristianismo em crise. Ao ministério farisaico o chamou de hipócrita, ao missionário que escondeu o talento, de inútil e de ocioso ao obreiro que estava sentado no banco. Ao vigia dorminhoco o chamou de fanático, ao pastor rico de néscio e ao evangelista Pedro homem de pouca fé.

Pedro fez mal ao confundir Jesus com um fantasma, mas fez bem em se dirigir a Ele. Fez mal em ter medo do vento, mas fez bem em chegar a Jesus primeiro com sua oração do que com seu corpo. Fez mal em abandonar seu posto e seus companheiros, mas fez bem em não usar seus recursos de natação já que em matéria espiritual nada valem os méritos humanos. A submersão de Pedro não terminou em afogamento, oxalá que nossas tentações não terminem em pecado.

Depois da tempestade, é maravilhoso contemplar de um barco a quietude do lago. É emocionante divisar o resplendor das estrelas. Mas é espiritualmente comovedor ver Pedro abraçado a Jesus. Ali terminam tôdas as crises.

Verdade do Santuário . . .

(Continuação da pág. 11)

vigilância e solicitude de Deus sobre Seus leais seguidores espalhados através da apostasia organizada. E eles correspondem. É o que havemos de testemunhar em breve.

De novo os olhos de João erguem-se para o "trono." Ouve a voz que do trono provém. Contempla as grandes e derradeiras cenas do juízo retribuidor, quando o Filho de Deus, cavalcando um cavalo branco, vem do "Céu" (19:11) para "ferir. . . as nações" que se haviam entregue à rebelião (v. 15). É outro quadro do Segundo Advento, apresentado para ênfase cumulativa, com o ajuntamento dos santos e a precipite eliminação dos ímpios.

10. *Satanás e seus Seguidores Destruídos para Sempre.* — Apresenta-se em lances rápidos a culminação. Outro anjo poderoso desce "do Céu" (20:1) e prende a Satanás, confinando-o à desolação da Terra, para o período de mil anos que lhe é indicado. Ao mesmo tempo,

no Céu, examinam-se os retos juízos de Deus e Sua justiça, reivindicando-os perante o universo — atestados pelos santos ressurgidos e trasladados. Assim termina o grande panorama.

Ao final dos mil anos, Satanás e suas coortes malignas, e as vastas hostes dos ímpios ressurgidos, fazem um derradeiro e desesperado ataque contra a Cidade de Deus, a qual acaba de descer — a Nova Jerusalém. São então destruídos pelo fogo devorador, que desce "do Céu" (vv. 7-9). Esta é a segunda morte, e final, para sempre, para todos os que se envolveram no episódio do pecado: Satanás, os anjos caídos e os homens maus.

11. *Não Vê Templo na Cidade Santa.* — Muda-se de súbito a cena. João vê "novo Céu e nova Terra," suplantando a velha Terra, manchada pelo pecado. O próprio Deus habita com os homens, no Paraíso restaurado (21:1-6). A Terra — planeta em deliberada rebelião — torna-se para sempre o impecável lar dos santos, salvos pela graça.

Mas há nesta seqüela, em meio das tremendas cenas criadoras: Na Nova Jerusalém, capital da Nova Terra, a qual "de Deus" desceu "do Céu" (v. 2), João não viu "templo" (v. 22). Não há mais necessidade do Centro de Comando da ação redentora, nem da mediação, nem de juízo. O pecado está para sempre erradicado. A redenção é completa. Restaurou-se agora para sempre a comunhão face-a-face.

12. *Não Mais Necessidade das Operações do Templo.* — Notemos bem: Não há mais necessidade de um Intercessor, num Templo dedicado à redenção do homem, e tratando de tôdas as complicações do problema do pecado (vv. 22-24). Mas o permanente "trono de Deus e do Cordeiro" ali estarão para sempre. São mencionados duas vezes (22:1 e 3). Os remidos agora "verão o Seu rosto" (v. 4), em comunhão face-a-face.

O trágico experimento do pecado — o franco desafio, a guerra contra Deus e os Seus seguidores — está no passado. Deus está para sempre no Seu trono — mas não mais com os móveis do Templo, centro de tôdas as atividades através do tempo da grande rebelião.

Existe, pois, hoje um trono no Céu, situado no celestial Templo de Deus, com seus móveis, tais como o altar de ouro e a arca. Existe, tão certo como é estar Deus no Seu Céu. Nossa única esperança de redenção e triunfo polariza-se naquele Templo. Coisa alguma é mais real e atual — exceto o próprio Deus e o Cordeiro de Deus, que ativam o plano da salvação. (A continuar.)

Como Fazer Bons

VOLANTES E CARTAZES

LEROY BESKOW

O VOLANTE é um papel escrito que chega às suas mãos informando-lhe algo. Esse volante, se possui uma “personalidade” agradável, se comportará com prudência, respeitando sua costumeira carreira contra o tempo em sua vida contemporânea. Será simpático, atraente, breve na comunicação e falará somente o que interessa a V.

— Ouça! Sabe de uma coisa? (pode ser que a diga). Os adventistas vão falar sobre a *evolução!*

— Saia daqui! — dirá o senhor ao volante, enquanto joga-o ao chão. Estive trabalhando toda a semana e hoje, domingo, quero me divertir. E pensa que o farei com temas intelectuais?

O “senhor volante” decidiu mudar de tática: — Ouça! Sabe de uma coisa? Alguns homens de ciência dizem que *V. descende do macaco*. Gostaria de saber a verdade? O Sr. Fulano de Tal falará sobre o assunto.

Mas, nem sempre os volantes chegarão às suas mãos, e se vê algum esperando-o no chão, pode ser que não se digne levantá-lo. Neste caso, certamente sentirá um forte grito (“slogan”) proveniente da parede, por um senhor chamado “cartaz.” Este senhor lhe contará tudo enquanto V. continue andando. Abre tão forte sua

bôca (contém letras tão grandes) que pode ouvi-lo da calçada em frente.

Existem muitas semelhanças na composição de volantes e cartazes. Diferenciam-se em que os primeiros, idealmente, podem ser lidos durante uns quinze segundos, enquanto que os cartazes, dirigidos àqueles que desejem observá-los da janela de um ônibus etc., não requerem mais atenção que uns sete segundos (a metade).

Todo cartaz ou volante consta de duas partes fundamentais: a alma ou mensagem e o corpo ou a forma.

A MENSAGEM

A mensagem é mais ou menos importante e consta de uma frase principal ou “slogan,” de uma a cinco palavras preferentemente, onde encerram em si a idéia ou propósito, escrito com letras de estilo simples e de grande corpo (não manuscritas).

1) Se é necessário que se leia uma extensa declaração, use o *slogan* como um chamado e não como um grito. Quer dizer, deve possuir algo que detenha o transeunte apelando à sua curiosidade.

2) Prefira um título curto para sua conferência; mas insista em que as pessoas entendam bem de que se falará: **NUNCA ENGANE!** Para isto esclareça seu título com letras menores.

Exemplo

mal

“UMA PROFECIA
ESPETACULAR”

bem

“UMA PROFECIA ESPETACULAR”

Quem governará o mundo?
Maravilhosa profecia bíblica do porvir
das nações.

3) Não "fira o ra," nem lance sua flecha em direção a um alvo pouco definido ou longínquo. Exemplo:

Mal
"A FELICIDADE
DO LAR"

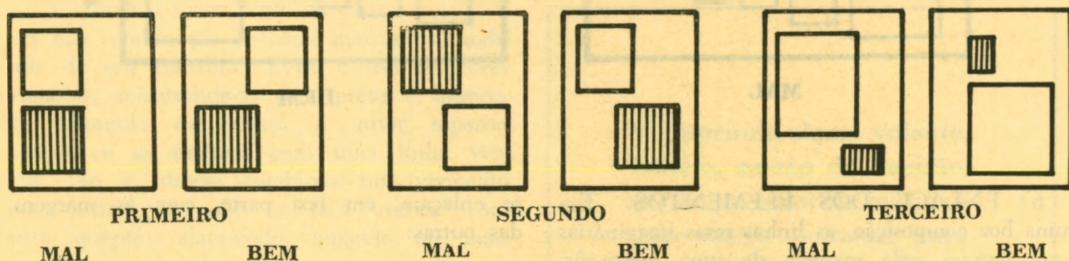
Bem
"O SEGRÊDO PARA
UM LAR FELIZ"

A FORMA:

A forma não tem a importância da mensagem, entretanto é a que decide o sucesso do cartaz e mesmo do volante; e é aqui onde se vê claramente se o desenhista é entendido na matéria. V. deve possuir um arquivo de ilustrações para clichês, que pode obter, principalmente, das revistas adventistas. Prefira os desenhos, pois são mais dinâmicos. Se usa fotografias, estas devem produzir um forte impacto e devem ser recortadas somente em retângulo. Tome cuidado para não usar fotografias e desenhos em um mesmo volante, a menos que V. possua vasta experiência.

Quando decida confeccionar um papel de

Exemplo:



No primeiro temos desequilíbrio de localização.

No segundo temos desequilíbrio de cor.

No terceiro temos desequilíbrio de massa.

3) NÚMERO DE ELEMENTOS: Se o papel pudesse falar, quanto se queixaria pela carga que geralmente lhe é imposta! E a seu lado estão os sábios e os artistas. Se V. tem muito a dizer, contenha-se até a conferência.

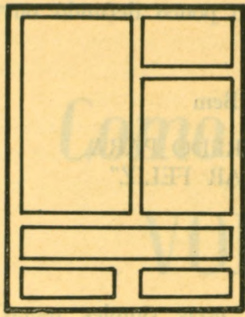
4) CONTRASTE: O claro e escuro é muito importante: ajuda a dar relevo aos objetos delineados (recorde esta regra se deseja usar uma fotografia). Evite os cinzas e leve-os, den-

propaganda, recorde estas simples regras de composição:

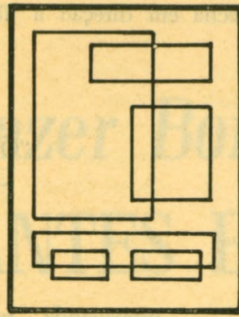
- 1) UNIDADE: Toda composição deve possuir um elemento dominante como centro de interesse. Este é o ponto de atração da propaganda (neste caso); e é o que rege o estilo da composição: antiga, impressionista etc.
- 2) EQUILÍBRIO: Pode ser simétrico ou dinâmico. O primeiro somente será usado para temas clássicos e muito sérios; o segundo causa mais efeito, mas requer alguns princípios. Esta composição assimétrica usará tanto a escrita como o desenho em massas-côr, colocados de tal maneira que apresente um todo equilibrado.

tro do que a prudência lhe indique, aos brancos e negros. Se usa a cor alaranjado não escolha verde-claro mas sim escuro etc. Por isso V. terá notado que o "senhor" contraste é um apaixonado das "jovens" figuras estilizadas e simplificadas, e gosta pouco das "senhoras" fotografias e desenhos antigos.

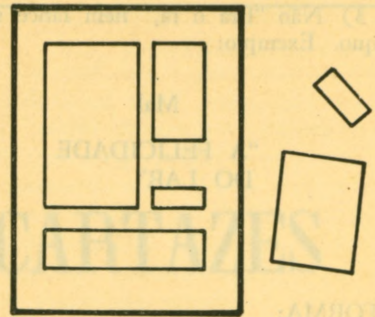
5) ESPAÇO: O espaço é o limite da composição (quer dizer, do volante ou cartaz). Separe seus elementos deixando espaços em branco. Quanto mais amontoe suas massas-côr, tanto menos legível será sua propaganda. Exemplos:



MAL



MAL

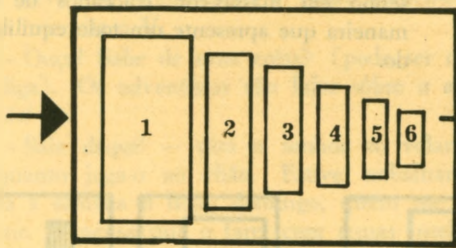


BEM

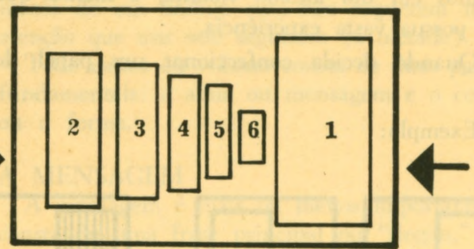
De acôrdo ao terceiro exemplo (bem), terá notado que não sômente deve-se deixar espaço suficiente entre elementos, mas que, especialmente deve-se deixar uma ampla margem como a de uma moldura de um quadro. Quanto

mais larga seja esta "moldura," mais estético ficará.

Entretanto, muitas vêzes a composição está disposta de tal maneira que pareceria sair da "moldura." Que acontece? Acontece que V. se esqueceu de colocar uma "barreira."



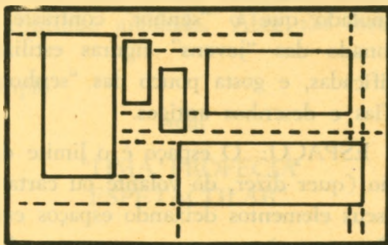
MAL



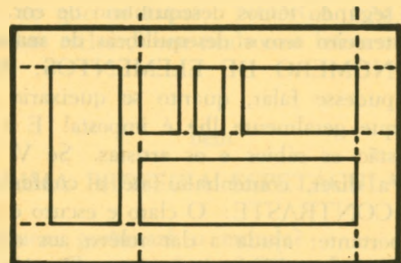
BEM

6) ENLACE DOS ELEMENTOS: Em uma boa composição, as linhas retas imaginárias que passam pela margem de uma massa-côr,

se enlaçam, em boa parte, com as margens das outras:



MAL



BEM

7) A CÔR: A côr também requer nossa atenção. Três são as básicas, que misturadas darão estas côres:



A estas côres devemos anexar o prêto, e se se deseja pintar um cartaz com óleos (sintéticos) ou aquarelas, terá que usar o branco.

vermelho + branco = rosa

azul + branco = azul-claro

Estas côres darão maior contraste em ordem de efetividade:

- a - prêto sôbre amarelo
- b - prêto e roxo sôbre branco
- c - vermelho sôbre branco
- d - azul ou verde-escuro sôbre branco
- e - marrom sôbre branco
- f - branco sôbre verde ou azul.

A boa combinação de côres marcará a qualidade de seu trabalho. Evite o uso de côres primárias, misturando-as com prêto e branco. No triângulo das côres, o autor separou as frias e as quentes com uma linha vertical. Se v. deseja combinar um vermelho com outra côr, não o faça nunca com outra quente: alaranjado, amarelo ou marrom (união de alaranjado com prêto), mas com as que estão do outro lado da linha vertical: azul e verdoso. Se é azul 2 alaranjado-amarelo 1/2, se é amarelo = roxos e azul.

OUTRAS INFORMAÇÕES:

— As letras de seu cartaz requerem 2 cm de altura por cada 3 m de distância.

— O olho humano pode abranger somente quatro objetos visuais de cada vez.

— O vermelho tem maior poder de atração. O amarelo e o alaranjado permanecem mais tempo na memória.

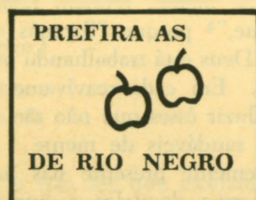
— As sugestões prazenteiras e positivas esti-

mulam mais as pessoas do que as desagradáveis e negativas.

— Decida qual será o *slogan* (ponto de atração): um texto ou uma figura. Evite sua competição.

— Se deseja colocar algo à margem de seu cartaz, (volante), toda pessoa, animal ou coisa deve olhar para o centro da composição.

— As ilustrações e os textos devem estar dispostos para servir de caminho ao olho:



— Os tamanhos de papel que as imprensas usam são: 58 x 92; 72 x 92; 74 x 100; 82 x 118; 110 x 150.

— Use maior proporção de côres frias do que quentes.

— Bom ânimo e muita paciência.

V. imprimiu algum volante, folheto, cartão de decisão, cartão de controle ou qualquer outro material para seu trabalho pastoral ou evangélico? Gostaria de comparti-lo com seus colegas de outras partes do campo?

Envie uma amostra à Associação Ministerial, Casilla 286, Montevideo.

Será bem-vindo.

Reavivamento Incendeia . . .

(Continuação da pág. 7)

se pode ver dos relatórios que nos chegam de várias partes.

Avaliação

Ora, não é “nosso trabalho criar excitação. Somente o Espírito de Deus pode criar um entusiasmo saudável.”³ “Seria surpreendente se não houvesse alguns que, não sendo bem equilibrados de mente, tenham falado e agido indiscretamente,”⁴ porque “Satanás está sempre ativo quando Deus está trabalhando pela salvação de almas. . . . Em cada reavivamento êle está pronto a conduzir êsses que não são santificados no coração e saudáveis de mente. . . . Satanás está freqüentemente presente nas mais solenes ocasiões na forma daqueles a quem êle pode usar como seus instrumentos.”⁵ Mas “não haja qualquer dúvida ou dúvida incrívelula” de que o Salvador tenha passado por essas igrejas, “pois em assim fazer estais pisando terreno perigoso.” . . . “Não semeie qualquer expressão de dúvida.”⁶

Contudo é certo que para alguns “exercícios religiosos não signifiquem mais do que uma boa ocasião. Quando seus sentimentos são despertados, pensam que são grandemente abençoados. . . . Intoxicação de excitação é o objetivo que perseguem.”⁷ Frio formalismo é o oposto de fanatismo. Ambos são enganos satânicos.⁸

Esta obra produzirá o maior desafio a cada líder da juventude e a cada pastor. Confrontados com êsses jovens — alguns, cristãos de duas semanas, com cabelos compridos ou cortados — que deve o pastor da igreja fazer? É brutal, sim, criminoso, dizer a um juvenil que está lendo a Bíblia e orando pela primeira vez, que seu reavivamento é de Satanás. Mas isto tem acontecido.

Não desprezeis o reavivamento pelo fato de não recebê-lo a igreja tãda, pois a igreja tãda jamais será reavivada.⁹ “A verdadeira conversão é a mudança do egoísmo para afeições santificadas por Deus e de uns pelos outros.”¹⁰

Êsses reavivamentos e reformas devem: (1) Elevar a Palavra de Deus como a fonte da verdade, (2) dirigir as mentes para a Palavra antes que para êles mesmos, (3) ensinar obediência à verdade pela qual são santificados, (4) orientar as mentes para as sólidas evidências da verdade, e (5) criar um sincero desejo de fazer o bem a outros.

Agora repousa sôbre os que estão andando na luz a responsabilidade de instruir os jovens que tentam andar na luz que receberam.¹¹ Na medida em que haveis sido ordenados portavozes de Deus, “o Espírito Santo não é para ser usado pelo instrumento humano, mas para usar o instrumento.”¹²

Tragicamente, “temos muito mais a temer dos de dentro do que dos de fora. Os embaraços ao fortalecimento e ao sucesso são muito maiores da própria igreja do que do mundo.”¹³ Podeis fazer muito para mudar êste quadro. A igreja depende de vossa resposta.

Neste escaldante dia entre nossos reavivados jovens, necessitamos de uma enriquecida e inflamada experiência que incendeie vidas perdidas e levem o calor de Cristo a uma igreja fria como as sombras desta noite de outono.

Bibliografia:

1. Samuel Chadwick, *The Way to Pentecost*, pág. 14.
2. *Evangelismo*, pág. 486.
3. *Mensagens Escolhidas*, livro 2, pág. 16.
4. *Idem*, livro 1, pág. 142.
5. *O Conflito dos Séculos*, págs. 395 e 396.
6. *Mensagens Escolhidas*, livro 1, pág. 142.
7. *Idem*, livro 2, pág. 21.
8. *Idem*, livro 2, pág. 19.
9. *Idem*, livro 1, pág. 122.
10. *Ibidem*, pág. 115.
11. *Ibidem*, págs. 131 e 132.
12. *Ibidem*, pág. 130.
13. *Ibidem*, pág. 122.

NOTA BIBLIOGRAFICA

Creación o Evolución?

Tierra, Hombre, Tiempo. . . .

Autor: Raúl M. Sánchez, impresso no México (não aparece a editora).

O autor dêste livro é um pastor adventista mexicano, agora com residência nos Estados Unidos. No prólogo êle menciona a inquietude que tem tido sempre em relação à necessidade de um material simples e preciso que discuta francamente as posições evolucionistas e criacionistas.

Através dêste livro se propôs realizar êste trabalho e o conseqüente. Recomendamos êste livro por seu material profundo mas ao mesmo tempo ameno. Enderêço do autor:

508 So. Maclay St.
San Fernando, California
U.S.A.

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

A Segunda Vinda de Cristo

(Continuação do Número Anterior)

PERGUNTA 37

9. *Expressões do Nôvo Testamento Citadas pelos Crentes no Arrebatamento.* — Entre estas merecem menção: (a) “o dia do Senhor virá como o ladrão de noite” (I Tess. 5:2) e (b) “será levado um, e deixado o outro” (S. Mat. 24:20). A comparação da vinda do Senhor com a de um ladrão à noite, parece-nos, tem de ser compreendida como sujeita a algumas restrições. É claro que não se deve levar ao extremo a aplicação do símile. Não seria justo pensarmos na vinda do Salvador como a de um ladrão em busca de sua presa, a operar no escuro, temeroso de ser descoberto. Isso jamais poderia ser comparável a uma semelhança de nosso Redentor.

O contexto de I Tess. 5:2 indica incontrovertivelmente o que o apóstolo tinha em mente ao descrever a segunda vinda de Cristo como a de um ladrão. Refere-se êle ao imprevisto da vinda de Cristo. Ninguém espera um ladrão; por isso está êle no caso de fazer sua obra nefasta sem ser apanhado. O apóstolo descreve os desapercibidos, naquele dia, como à espera de paz e segurança, quando a perspectiva não é senão súbita destruição (v. 3). Mas não a esperam. Adverte êle os fiéis a que não adormeçam, para que o segundo advento não lhes sobrevenha como ladrão (vv. 4 e 5). Insiste com êles a vigiar e ser sóbrios (v. 6) na expectativa da segunda vinda de Cristo.

Portanto, a idéia é ser *imprevista*, e não *secreta*. O advento de Jesus, naturalmente, apanhará adormecidos alguns cristãos professos, mas isso será falta dêles mesmos, e não faz parte do plano de Deus. Deviam estar alerta, à espera de Seu aparecimento. Mas mesmo os que

estão alerta, a não ser que estejam plenamente consagrados a Deus, serão apanhados desapercibidos. A vinda do Senhor também para êles será *inesperada*. Por outras palavras, não estão de fato aguardando Sua volta: não estão à Sua espera. Daí, a vinda de Cristo será, para êles, como a de um ladrão à noite.

Quanto à outra passagem, “será levado um, e deixado o outro,” há entre os comentaristas duas escolas de interpretação. Uns acham que os “levados,” são-no para a destruição; outros, que serão tomados para estar com o Senhor. Mas, seja qual fôr a interpretação correta, ressalta claro um ponto: As palavras empregadas *não implicam o conceito de segrêdo*. É o fato de ser “levado” ou “deixado” que aí se destaca. Não há, nas palavras em si, indicação nenhuma quanto à *maneira* em que um é levado e o outro deixado.

A passagem mostra claro que êsse dia será de separação. Introduzir a idéia de segrêdo nessa passagem é, ao nosso ver, inteiramente impropriedade. Em parte alguma da Bíblia há qualquer indicação de que, quando um é levado e o outro é deixado, certas pessoas despertarão na manhã seguinte para dar pela falta de alguns queridos. A ilustração do ladrão à noite foi obviamente dada pelo Senhor para indicar a subitaneidade de Seu aparecimento e o perigo que se depara não só ao mundo mas mesmo à igreja, de não estarem preparados, e assim serem apanhados desapercibidos.

Os defensores da teoria do “arrebatamento” citam também o caso de Enoque em apoio de seu conceito. Quanto a Enoque, a Escritura diz: “Pela fé Enoque foi trasladado para não

ver a morte, e não foi achado, porque Deus o trasladara." Heb. 11:5. Querem que a expressão "não foi achado" indique que se fez uma busca, e assim essa trasladação implica em segredo. Mas em relação com isso convém lembrar que o próprio termo "ascensão" não implica em segredo. Elías também foi trasladado, mas à plena vista de Eliseu, num carro de fogo e em meio a um redemoinho. Mais, quando nosso bendito Senhor foi "elevado às alturas" (Atos 1:9), isto se deu à plena vista de Seus discípulos.

Demais, por que deveria a expressão "não foi achado" indicar acontecimento secreto? Expressões semelhantes encontram-se em outros lugares, onde não podem significar secreticidade, nem referir-se a algo feito num recanto. Assim, vemos que nos últimos dias "os montes não se acharam" (Apoc. 16:20); de Babilônia, "não será jamais achada" (Apoc. 18:21); e de seus habitantes, que "nenhum artifice de arte alguma se achará mais em ti" (v. 22). Com que autoridade lingüística ou exegética, pois, se poderia introduzir a idéia de um acontecimento ocorrer secretamente?

10. *A Segunda Vinda a "Bem-aventurada Esperança" da Igreja.* — Resumindo: Os adventistas do sétimo dia creem que o segundo advento de Cristo será pessoal, visível, audível, corpóreo, glorioso e pré-milenial, e assinalará o remate de nossa redenção. E nós cremos que a volta do Senhor está iminente, embora não esteja revelado quando virá. A alegria, esperança e expectativa quanto ao acontecimento bem se exprimem nos seguintes excertos dos escritos de Ellen G. White:

"Uma das verdades mais solenes, e não obstante mais gloriosas, reveladas na Escritura Sagrada, é a da segunda vinda de Cristo." — *Conflito dos Séculos*, pág. 299.

"A vinda de Cristo, para inaugurar o reinado de justiça, tem inspirado as mais exaltadas e sublimes declarações dos escritores sagrados." — *Idem*, pág. 300.

"A proclamação da vinda de Cristo deveria ser agora, como quando foi feita pelos anjos aos pastores de Belém, boas-novas de grande alegria. Os que realmente amam ao Salvador saudarão com alegria o anúncio baseado na Palavra de Deus, de que Aquêle em quem se centralizam as esperanças de vida eterna, vem outra vez, não para ser insultado, desprezado e rejeitado, como se deu no primeiro advento, mas com poder e glória, para remir Seu povo." — *Idem*, págs. 339 e 340. — *Seventh-day Adventists Answer Questions on Doctrine*, págs. 457-464.

PASTOR: V. Deseja Ter

OFICIAIS DE IGREJA MELHOR PREPARADOS ?

O INSTITUTO DE ESTUDIOS POR CORRESPONDENCIA (I.E.C.), localizado nos terrenos do Colégio Adventista del Plata, preparou um curso que é de grande ajuda para todos os oficiais da igreja. Intitula-se:

A OBRA DO ANCIAO DA IGREJA

Entre outras coisas ensina:

- Como se dirige uma comissão de igreja
- As qualidades de um bom dirigente
- Como se administra uma igreja
- As obrigações de um ancião de igreja
- Como se prepara um sermão

O custo total do curso é de somente \$ 39,00 moeda argentina lei 18.188 ou seu equivalente em U\$S 10,00 dólares.

Ademais dêste, o I.E.C. oferece um excelente curso sobre DOUTRINAS BÍBLICAS (intitulado "Princípios de Vida"), que cada membro jovem e adulto deveria cursar (custa \$ 113,50 moeda argentina ou seu equivalente em U\$S 29,00 dólares), e também um interessantíssimo curso sobre A HISTÓRIA DA IGREJA ADVENTISTA (por \$ 81,00 moeda argentina ou seu equivalente de U\$S 23,00 dólares). O preço inclui o curso e o livro de texto.

Para matricular-se ou pedir informações, dirigir-se a:
INSTITUTO DE ESTUDIOS POR CORRESPONDENCIA
Casilla 3, PARANA, E. Ríos — Argentina.